



Avançar!

A Nação contra Salazar

A GREVE DE LISBOA DE 20.000 TRABALHADORES

pôs novamente a nu a incapacidade e a natureza fascista do governo

DEPOIS DE 13 DIAS DE GREVE, os heróicos operários das Construções Navais de Lisboa retomaram o trabalho de cabeça erguida. As suas reivindicações não foram totalmente atendidas. Mas, em resultado da sua luta e do apoio que lhe deu a população, o governo foi obrigado a tomar algumas medidas contra a carestia e para o abastecimento. Em 23 de Abril, o ministro da Economia declarou indeliberar «todos os pedidos para uma alta dos preços», o que era uma das reclamações dos operários de Lisboa. Aos industriais de enquadro foi negada autorização para o aumento dos preços. Foi estabelecido o comércio livre de alguns produtos. Não feitas repetidas promessas e tomadas medidas apressadas para um melhor abastecimento. Estes factos mostram que os sacrifícios dos operários de Lisboa não foram em vão. Se a unidade se mantiver e a luta continuar, o governo terá que fazer novas concessões. A reabertura das fábricas mostra também a força vitoriosa das massas. A luta dos operários de Lisboa foi uma verdadeira luta nacional e graças à sua unidade, firmeza e heroísmo, todo o povo beneficiará. Daí o dever de todos os portugueses honrados **preservarem solidariedade** e a necessidade de **FORTELECER A UNIDADE E INTENSIFICAR A LUTA**, como única forma de obrigar o salazarismo a atender as reclamações da Nação.

QUEM É O RESPONSÁVEL?

De há muito, os operários das Construções Navais vinham apresentando as suas reclamações, por intermédio das suas Comissões de Empresa e da sua COMISSÃO GERAL DE DELEGADOS DAS EMPRESAS, apoiadas por todos os trabalhadores. Essas Comissões foram ouvidas pelos patrões, pela Assembleia Nacional, pelo INT, pelo Ministério da Marinha, pela Mobilização Industrial. Foram feitas promessas. Mas, 3 dias depois duma reunião dos grandes industriais metalúrgicos, em que foi citado o discurso de Truman para mostrar ser profeita a situação para esmagar o movimento operário (17 de Março), o governo, pondo mais uma vez a nu o seu carácter de classe e antinacional, procurou obrigar pela força os trabalhadores a prestar horas suplementares (despacho de 21 de Março). Começam os despedimentos e a ocupação militar das empresas. Os patrões, que dias antes foram vistos sair risinhos do Ministério do Interior, deixam de receber as Comissões.

O governo e o patronato reacçãoário tinham acor-

dado um plano de terror para abafar as justas reclamações operárias.

Foi nestas condições que recorreram à greve, os operários dos Estaleiros da OUF primeiro, e depois, ao apelo do Partido, os trabalhadores portuários e das seguintes empresas: Parry & Son, Sociedade Geral, CCN, CNN, Progresso, Insulana, Italo-Portuguesa, C. P. de Pesca, Construtora Moderna, Dargent, Sol, Argibai, Crel, Pimpão, Carolas, Alfinetes, Bernardo Manuel, Caparica, Metalúrgica Lisbonense, Stal, Electrical, Social, Metalúrgica de Benfica, Aliança Metalúrgica, parte das Fontainhas, etc., num total de 30 empresas e cerca de 20.000 trabalhadores.

O governo respondeu com processos hitlerianos: prisões em massa, espancamentos da população nos bairros populares, encerramento de fábricas, deportações sem julgamento para o Tarrafal. Os operários do Arsenal da Marinha foram forçados a trabalhar de «início de escolta»; e marinheiros foram mobilizados com o mesmo fim.

Desta forma, o governo de Salazar, como o Secretariado do P. sublinhava no seu «Comunicado», foi o único responsável da paralização, foi ele que lançou a desordem na produção e nas ruas.

O GOVERNO PROCURA DIVIDIR E ANIQUILAR

AS FORÇAS DEMOCRÁTICAS

Recorrendo a medidas de terror o governo mostra perante a nação e o mundo, não a sua força, mas a sua incapacidade para resolver os problemas que afligem o país. A situação catastrófica que Portugal atravessa, é uma consequência da política do salazarismo; do seu encerramento a Hitler durante a guerra; das suas concessões antinacionais ao imperialismo anglo-americano depois da guerra; do seu isolamento diplomático e comercial do mundo democrático e, em especial, da URSS; da entrega das riquezas nacionais, da agricultura, da indústria, dos transportes, a um punhado de monopolistas e da protecção escandalosa nos grandes lucros (a CNN acausou lucros de 70.000 contos e a CCN um saldo de 57.000); do esmagamento do pequeno produtor pela organização corporativa; da exploração desenvolvida das classes trabalhadoras. Incapaz de resolver os problemas nacionais, o salazarismo só encontra uma saída: o terror de tipo hitleriano. Enquanto em todo o mundo democrático o 1.º DE MAIO é comemorado com vitórias, em → pag. 2

A JUVENTUDE LUTA pelo futuro da Pátria

O governo e a sua polícia política, acabam de lançar uma ofensiva de terror contra o MUD JUVENIL. Os membros da Comissão Central foram presos, assim como outros destacados jovens democratas por todo o país.

O MUD Juvenil está-se desenvolvendo como um grande movimento nacional. Acções de confraternização, passeios, desportos, reuniões, acampamentos, que os jovens têm levado a cabo, provocam a inveja e o ódio fascistas. A juventude desperta para o serviço da pátria.

Já nas últimas manifestações democráticas (31 de Janeiro e outras), a força pública cercou sobre os jovens que cantavam o hino nacional. Agora, em Beja e na grande concentração da juventude algarvia (2 de Abril) em Olhão, em que cerca de 600 rapazes e raparigas almoçavam e confraternizavam com 2.000 pessoas vindas de Olibão, a PSP e a GNR, com carros de assalto e rajadas de metralhadora, intervieram brutalmente. Em Lisboa, manifestações de estudantes de protesto contra as prisões foram violentamente dissolvidas. Na Faculdade de Medicina, a PIDE e a PSP invadiram a escola, espancaram, prenderam e ferindo uma dúzia de rapazes e raparigas. A brutalidade fascista causou a maior repulsa nos professores universitários. O povo está com a heróica juventude.

Com a sua ofensiva política, o fascismo procura aniquilar o movimento da juventude, mas a juventude mantém as suas organizações, com uma firmeza à sua actividade, defende a legalidade do movimento, substitui no trabalho aqueles que são atingidos.

Que em todo o país se levante um protesto contra a ofensiva lançada pelo governo contra a juventude portuguesa.



O SALAZARISMO LEVARÁ O PAÍS À RUÍNA

O salazarismo sentindo-se incapaz de resolver os problemas do abastecimento, está tomando medidas que acabarão por arrastar, numa futuro próximo, a economia portuguesa a uma grave crise.

Para reter a onda de descontentamento que lava no povo contra a falta de gêneros, o salazarismo está recorrendo, exclusivamente, às importações em massa desses gêneros. Na sua nota à imprensa do dia 23 de Março, o ministro da Economia assim se pronunciou: «... O nosso pensamento mantém-se: abastecer, abaratar os nossos mercados para assim provocar uma baixa de preços...»

Ora, esta afirmação—como tantas outras do ministro de Economia e suas Companhas—tem apenas um fim demagógico para iludir o povo. Este é o objectivo principal do governo salazarista, na presente situação. Quanto à resolução definitiva do problema a bem do Povo e da Economia do país, a coisa não é tão fácil como o ministro quer fazer crer. O problema é muito mais sério e exige outras medidas além das importações; medidas essas que o salazarismo se mostrou impotente e incapaz de levar à prática nestes vinte anos da sua estadia no poder. As principais medidas que se impõem e continuam a impôr, seriam o aumento da produção interna desses produtos; seria a mobilização de todos os nossos recursos, que aproveitando as terras incultas, braços e capital disponíveis quer tomando medidas no sentido de favorecer esse aproveitamento, fomentando adubos, boas sementes, empréstimos módicos, auxílio técnico, etc., à lavoura, facilitando por outro lado, os transportes e a circulação livre de todos esses produtos. Uma tal política, exige o combate ao grande latifundiário, ao grande comerciante especulador, abandonado com a rôta de Grémios, Federações, Organismos de «Coordenação» etc., que impede o produtor de produzir e vender os seus produtos livremente. Não é exigindo 1500 por cada pé de baceão ou vidalva, pimenta e outras alcaçavas, fora o inabundado da requintados, etc., que a lavoura será estimulada a produzir mais.

Há dois anos que terminou a guerra: **QUE MEDIDAS SÉRIAS TOMOU O SALAZARISMO para fomentar e intensificar a produção interna dos gêneros MAIS NECESSÁRIOS À MANUTENÇÃO DO POVO?** Nenhunas. Com a política exclusiva de importações seguida pelo salazarismo a lavoura ainda restringiu mais a sua produção em lugar de a intensificar. Isto levará o País a uma completa dependência das importações de gêneros estrangeiros, o que acarretará a saída de grande parte dos nossos recursos em ouro e o empobrecimento geral da maioria do povo.

Tal situação arrastará inevitavelmente o País a uma crise muito mais aguda do que a que actualmente atravessamos. A indústria e o comércio serão atingidos profundamente e os mercados exteriores cada vez se fecharão mais. **O SALAZARISMO ESTÁ, PORTANTO, ARRASTANDO O PAÍS PARA A RUÍNA TOTAL.**

Quando o ministro do Interior e o subsecretário das Corporações vêm a público culpar alguns milhares de operários das Escolas de Regatas e Navegantes e o Partido Comunista Português (que ele qualifica de «preconceito») por estarem a prejudicar a economia do país, a instabilidade e a desordem dos preços, é fácil ver qual é o que realmente estão a fazer: **— É MENTIR. DEIXAR AS RESPONSABILIDADES PARA ATRÁS COM PLAS PARA COM DESSES OPERÁRIOS E DO PCP. VOLTAR PARA O**

salazarismo desviar o ódio do povo contra o seu regime culpado de tudo e atirado contra esses videntes operários, que exigem mais um bocado de pão, e para o Partido que lhe vem mostrando como eles se devem defender. Mas os trabalhadores e o Partido Comunista Português não se intimidarão com tais manobras, eles saberão desmascará-las e mostrar a todo o povo

em Portugal o **Lº** de Maio passados—**le ano sob a mais brutal intensificação**

do terror fascista contra a classe operária e o povo em geral. O governo lança uma grande campanha contra o **P. Comunista** acusando-o de agir «nos ordens de Moscovoy e indo ao encontro de ademar (declarações do subsecretário das Corporações à Reuters) que tinha conhecimento antecipado dessas ordens (sic)». Em 26 de Abril, França Vigon grita: «os comunistas são os lobos da nação, há que «enxotá-los» e «mutilá-los». E o ministro da Economia diz em Beja (29 de Abril) que os adversários do fascismo «serão perseguidos até à sua exterminação». Com tal campanha, copiada da Alemanha de Hitler e de todos os fascistas do mundo, o governo procura desacreditar o PCP perante as massas, tirar-lhe a confiança e prestígio de que o tornou intercedor o seu papel de guia e vanguarda, assustar os democratas mais vultantes, e assim, **JUSTIFICAR MEDIDAS DE TERROR, ISOLAR O P.C.P., DIVIDIR E ENFRAQUECER O MUD,** e abrir caminho para o completo aniquilamento da oposição democrática. O governo procura ainda preparar a reacção mundial para lhe pedir maior auxílio para fazer frente ao levantamento do povo português.

ADIANTE, NA LUTA NACIONAL!

O fascismo engana-se. O movimento de Lisboa está sendo um poderoso factor para o fortalecimento da unidade de todos os portugueses honrados na luta contra a política internacional do governo de Salazar. As medidas de terror desencadeadas contra os grevistas, como contra os jovens democratas, como os processos movidos de Norte a Sul às Comissões do MUD, longe de abafarem o movimento nacional, chamam a ele novas forças, atraem os católicos sinceros, levam muitos soldados e mariacheiros a manifestarem a sua solidariedade como povo (como se deu em Lisboa) e completam o divorcio entre o salazarismo e Portugal. A nação levanta-se contra Salazar! A luta de Lisboa é um estímulo e um exemplo para todas as lutas que se travam no país, dos operários camponeses intelectuais e classe média.

qual é o verdadeiro causador de todo o mal e da ruína do país—**O SALAZARISMO.**

Eles sabem que a abundância de gêneros e o bem-estar não podem ser obra do salazarismo (pois têm já 20 anos de amarga experiência); isso terá de ser obra dum Governo livremente eleito pelo povo que defenda os interesses deste. Por isso continuamos **LUTANDO** para conseguir tal objectivo.

A GREVE DE LISBOA

da pág. 1

a constituição duma Comissão Geral de todas as empresas das Construções Navais e duma **AMPLA COMISSÃO** com representantes de **40** empresas de Lisboa, **SÃO EXEMPLOS DE ORGANIZAÇÃO** que em todo o país há que seguir.

É necessário continuar, no terreno legal, a luta nas Construções Navais, defendendo a existência e acção das Comissões e não deixando que a criação dum Sindicato Meta-férreo sirva de pretexto para as fazer desaparecer. É necessário em todo o país intensificar a luta reivindicativa pelos salários, pelos gêneros, pelas liberdades. É necessário exigir a **libertação dos grevistas presos, o regresso dos despedidos, a readmissão dos despedidos.** É necessário exigir a dissolução da PIDE e a extinção do Tarrafal. É necessário prestar **auxílio material** aos presos, deportados, perseguidos e despedidos. **Pela Luta,** fazemos recuar o fascismo.

POR UM GOVERNO DE CONCENTRAÇÃO NACIONAL

O governo de Salazar, por muitas manobras pseudo-democráticas que prepare, é um estorvo ao bem-estar, à ordem e ao progresso de Portugal. Dividido a nação, empregnado de terror, fechando ouvidos a todas as reclamações, não dando qualquer liberdade, semeando o ódio e a intolerância, o governo encaminha Portugal para a guerra civil. Entregando as riquezas nacionais e coloniais ao imperialismo, tornando-se joguete da reacção mundial, o governo encaminha Portugal para aventuras perigosas para a independência e a paz. Protegendo os interesses dos grandes monopolistas sem-pátria, o governo encaminha Portugal para a total ruína. Urge a fasturação dum governo de portugueses honrados, um governo de Unidade, um **Governo de Concentração Nacional,** com representantes de todas as correntes políticas, que resolva os problemas urgentes que afligem a nação e convoque eleições verdadeiramente livres pelas quais o povo português possa escolher o seu destino.

Vitória de 1.500 operários

No Fábrica da Senhora da Hora

UNIDOS. Il-mos e de forma organizada, os **1.500** operários (homens e mulheres) da Empresa Ford do Norte (**SENHORA DA HORA**), lutaram contra as arbitrariedades do patronato, protestando contra o pagamento quinzenal e exigindo uma semana de convosada, prometida pela empresa, na altura do Natal.

Embora as suas reclamações não fossem inicialmente atendidas, os operários não desistiram. Elegeram uma Comissão, com representantes das 20 secções da fábrica, num total de cerca de 90 operários (na maioria mulheres). No dia marcado pe o engenheiro, que dissera só resolver o operários, a comissão compareceu e com tal firmeza e energia defendeu as reclamações, que fez ir os fiscais de trabalho a quem a fábrica investira em amonstias existentes e obrigou a empresa a cumprir a todas as operárias de menos de 15 anos, 40\$00; e as de mais de 18 anos, 60\$00. Espera-se que a luta seja autuada.

OPERÁRIOS E OPERÁRIAS DA S.ª DA HORA! Com a vossa luta obtivestes uma vitória, mas ela não foi total. É necessário que a empresa vos pague a semana e o dia de convosada que vos prometeu. Continuai **UNIDOS,** e através da vossa magnífica **COMISSÃO,** continuai a exigir aquilo a que reides direito. Apoiad a sua acção por meio de **CONCENTRAÇÕES.** Não desistis!

COLABORA NO «AVANTE!» — AUXILIA O «AVANTE!» — DIFUNDE O «AVANTE!»



Os operários texteis

— EM LUTA —

CONTRA a exploração desenfreada de que são vítimas, tal como no verão de 1946, os operários e operárias da indústria textil lançam-se à conquista de salários mais compatíveis com o aumento do custo de vida. Nos princípios de Dezembro, representantes operários (homens e mulheres) de mais de 90% das fábricas da cidade do PORTO, levaram a efeito concentrações no Sindicato, onde discutiram a sua situação e colocaram perante a direcção as suas reivindicações imediatas: Aumento de salários de 50% para os salários inferiores a 25.500; 30% para os que regu am entre 25 e 35.500; 25% para os salários superiores a 35.500, e 20% para os aprendizes, o que era substituição dos direitos e importância do trabalho da juventude. Mais tarde, isto foi reconhecido exigindo-se aumento de 50%.

Uma Comissão de Delegados, representando todas as fábricas do Porto e contando COM O APOIO DA MAIORIA DOS OPERÁRIOS, vendo que a direcção do Sindicato não se mexia, procurou forçá-la a cumprir as suas promessas. Mas a direcção deixou de aparecer no Sindicato e tentou depois dividir a Comissão dizendo receber apenas alguns delegados. Apesar da tração da direcção do Sindicato, os trabalhadores continuam em luta. As massas, pela sua própria experiência com o recedimento QUE SÓ PELA LUTA UNIDA CONSEGUIRAM FORÇAR A DIRECÇÃO DO SINDICATO A ACOMPANHÁ-LAS; FORÇAR O FASCISMO E O PATRONATO A SATISFAZER AS SUAS REIVINDICAÇÕES. A luta dos operários texteis do Porto, alastrou-se a outras regiões. Em VILA DO CONDE, por intermédio duma Comissão de mais de 50 operários, em circular assinada por todos, os texteis foram no Sindicato apresentar as mesmas reivindicações, convidando a direcção a apoiá-las. Em VALE, os operários começaram também a movimentar-se. Em S.º TIRSO, pelas mesmas lutas reivindicativas começaram a ter lugar. A luta dos operários texteis, o governo de Salazar respondeu com uma portaria nomeando uma Comissão Técnica para estudar «em profundidade» a situação dos trabalhadores da indústria textil! Para este estudo «em profundidade» é dado o prazo de 6 meses.

Daquí se conclue a necessidade dos operários texteis forte coerem a sua unidade, elegendo em cada fábrica as suas COMISSÕES DE UNIDADE, que junto do patronato continuam a defender as reivindicações apresentadas. É de aconselhar a formação de COMISSÕES GERAIS EM CADA LOCALIDADE, uma ligação mais estreita entre todas as regiões onde está concentrada a indústria e a formação duma COMISSÃO DE INDÚSTRIA, de forma a dar uma maior unidade à luta. Os operários não podem nem deves esperar os 6 meses. Durante estes 6 meses, o fascismo e o patronato preparam novas medidas de exploração. Tendo a Comissão Técnica enviado inquéritos aos sindicatos e patrões, estes últimos estão fazendo reuniões para assentarem num plano de acção comum para melhor imporem as suas condições aos trabalhadores. Os operários devem exigir, que tal como aos patrões, lhes seja dada, em toda a parte, autorização para fazerem assembleias afim de discutirem os problemas da classe.

— POLÍCIAS E PROVOCADORES —
— Diamantino de Almeida, carvoeiro na Cova da Piedade. — Armando dos Santos (Zé Ranhos). — R. Elias Garcia, S. Caelhas. — João Malheiro, Moita. — Guilherme Filipe Carreira («o Salsa»), Moita.

OS PESCADORES DE BACALHAU

ALCANÇARAM UMA VITÓRIA PARCIAL

OS PESCADORES DE BACALHAU ACABARAM DE ALCANÇAR UMA VITÓRIA. O ANO PASSADO OS PESCADORES DE LINHA GANHAVAM 2.000.000. AGORA CONSEQUIRAM OBTER 4.000.000. A PERCENTAGEM SOBRE O PESCADADO QUE ERA DE 30%, PASSOU A SER DE 55%. O PESSOAL DOS ARRASTÕES AUMENTOU DE 100 PARA 600.000 E OS 2 PARES DE BOTAS PEDIDOS.

Estes aumentos não foram feitos por iniciativa dos armadores. Não. Eles foram alcançados PELA LUTA DOS PESCADORES DE BACALHAU, PELA SUA UNIDADE E ESPÍRITO COMBATIVO. Aproveitando as lições dos anos anteriores, em que a divisão dos pescadores permitiu aos armadores e ao governo fudirem os pescadores e não satisfizerem as suas justas reivindicações, os pescadores de bacalhau constituíram este ano as suas COMISSÕES, na Figueira, Gafanha e na Nazaré e em todo o lado, desde Viana à Luzeta, colocaram as suas aspirações. Estas não foram totalmente atendidas e, com os novos descontos estabelecidos (o fascismo roubá com uma mão o que dá com a outra), o aumento fica longe do 1.300.000. Mas a vitória parcial alcançada mostra o que pode a unidade e a luta, mostra que os pescadores não têm que contar com os armadores e com o governo salazarista, mas apenas com o seu esforço e com a sua luta.

Porque não foram totalmente atendidas as reivindicações dos pescadores de bacalhau? Desde já algumas conclusões se podem tirar: — 1.º A UNIDADE E O

CONTACTO REGULAR ENTRE OS VÁRIOS CENTROS DE PESCA não foram SUFICIENTEMENTE ASSEGURADOS, e assim, não houve a coordenação necessária e com a apreciação da altura de embarque em cada local, houve o temor de que os outros arreassem. — 2.º OS PESCADORES NÃO ORGANIZARAM SUFICIENTEMENTE A SUA LUTA, não foram constituídas convenientemente as COMISSÕES em cada local e não foram capazes de dar vida a uma Comissão para todo o país ligada a todos os centros piscatórios. Estas duas deficiências explicam por que os pescadores de bacalhau, em fins de Março, depois do inverno rigoroso que reduziu à fome as famílias dos pescadores, aceitaram as ofertas dos armadores e se começaram a matricular. Pena foi que, se não existiam condições para se manterem na luta, essa aceitação não fosse de comum acordo entre todos os pescadores, mas tenha tido lugar da parte de uns, enquanto outros se mantinham ainda firmes. Isto impedia que toda a massa de pescadores, sentisse confiança nas suas forças e alegria pela vitória alcançada.

O estado da luta dos pescadores de bacalhau e o aproveitamento das suas experiências servirão para que, no ano próximo, os valentes teba haiores do mar se possam unir melhor, organizar a luta e obter condições mais vantajosas. A volta da safra, eles têm perante si a tarefa de formarem as suas COMISSÕES e apresentarem as suas reclamações. Se, com a união e a luta se obtiver o aumento deste ano, será obtido mais, se todos os pescadores se mantiverem mais unidos e firmes de Norte a Sul de Portugal.

Uma Vitória NA FÁBRICA MATRENA

APESAR das represálias a que estão sujeitos por parte dos patrões fascistas, os operários da Fábrica de Papel Matrena, (TOMAR), levaram a efeito um movimento reivindicativo: foram em massa expôr ao gerente da fábrica a sua situação económica e conseguiram um aumento geral de 20% nos salários. Esta brilhante vitória deve dar confiança aos operários para continuarem a luta pelas suas reivindicações. Para isso, precisam de nomear UMA AMPLA COMISSÃO DE UNIDADE, composta pelos companheiros de mais prestígio e combativos, não só para dirigirem a luta dentro da

fábrica, como também para se unirem aos operários das outras fábricas de papel, na luta comum pela sua representação na Comissão Técnica oficial encarregada de elaborar a nova tabela de salários e pela nomeação duma direcção activa e de confiança no sindicato. Há que formar COMISSÕES DE UNIDADE em todas as empresas de papel, que sejam a base para uma grande «COMISSÃO DOS OPERÁRIOS PAPELEIROS DE TOMAR», a quem incumbirá unir e representar a classe, com o apoio decidido de todos, junto das entidades fascistas.

Salários para as Ceifas

Camponeses e Camponesas! DEVEIS TER PRESENTE A VITÓRIA ALCANÇADA O ANO PASSADO, COM A VOSSA UNIDADE E FIRMEZA, FIZESTES RECUAR OS GRANDES AGRÁRIOS E O GOVERNO SALAZARISTAS, NÃO RECONHECERES OS EDITAIS AFINADOS PELAS AUTORIDADES MARCANDO OS SALÁRIOS DE FOME E ENIGISTES salários de harmonia com a escassa da vida. Recusai vos novamente a trabalhar pelos salários de fome que vos quítram impor. Que em todas as aldeias, vilas e cidades, se nomeiem Amplas Comissões de Camponeses e se obriguem as direcções das Casas do Povo a acompanhá-las junto das autoridades e dos lavradores exigindo salários de acordo com a escassa da vida. Que as Comissões das diferentes localidades se ponham em contacto umas com as outras, sempre que possível, no sentido de unir a luta nessas localidades. Que em toda a parte, os camponeses e camponesas se concentrem nas Casas do Povo e junto das autoridades e acompanhem em massa as suas comissões. Que ninguém aceite os salários de fome e que todos, unidos, como um só homem se recusem a trabalhar se os exploradores fascistas não ouvirem as nossas reclamações!

A CONFERÊNCIA DE MOSCOVO

UMA ALEMANHA UNIDA E DEMOCRÁTICA
OU DESMEMBRADA E CHAUVINISTA?

OS termos do tratado de paz com a Alemanha terão uma importância capital. Não é apenas o futuro da Alemanha que está em causa. Está em causa a segurança e a paz do mundo. Se as grandes potências forem capazes de concertar uma paz que estabeleça os fundamentos duma nova Alemanha, unida, livre e democrática, isso criará condições para o desenvolvimento pacífico da Alemanha e da Europa e o entendimento entre as nações. Se tal não for conseguido, subsistirão no centro da Europa importantes factores de guerra.

Como têm os aliados cumprido as obrigações impostas pelos acordos da Criméia e Potsdam? Nas zonas ocidentais, como o «Avante!» tem salientado, a desmilitarização e desnazificação não têm sido levadas a cabo. Os cartéis na indústria, assim como os grandes senhores feudais na agricultura, — que foram a base do militarismo e do nazismo, — conservam as suas posições. Responsáveis nazis mantêm-se em postos de direcção: na economia, na administração, no aparelho judicial e à frente de novos partidos políticos reacçãoários. Só na zona de ocupação soviética, a reforma agrária, a expropriação dos Junkers, dos grandes magnatas nazis e de todos os inimigos do povo, o castigo dos responsáveis, a formação do Partido de Unidade Socialista, o desenvolvimento dos sindicatos, as eleições livres, o afastamento dos nazis da vida política, constituem uma base sólida da estruturação democrática da Alemanha.

O TRATADO DE PAZ COM A ÁUSTRIA

Na Conferência de Moscovo estão se dando importantes passos para um acordo. Mas há ainda divergências em pontos essenciais. Essas divergências começaram logo a aparecer na discussão do tratado com a Áustria. Assim, por exemplo: a Áustria tem 51 aeródromos militares, construídos pelos nazis. Pelo tratado tem-se em vista que a aviação militar austríaca não exceda 90 aparelhos. Pois bem: a Inglaterra e Estados Unidos opõem-se à inclusão no tratado duma disposição reduzindo o número de aeródromos. Para que querem a Inglaterra e E. U. que a Áustria os conserve? Nas mesmas discussões, a URSS propôs que fosse incluído um artigo obrigando a dissolução das organizações fascistas. Ingleses e americanos não concordaram e defenderam que se devia dizer «organizações nazis.» E assim se procura salvar as organizações fascistas que não estiveram directamente ligadas ao Partido hitleriano.

Esta resistência à desmilitarização e democratização aparece ainda mais vigorosa da discussão do tratado com a Alemanha.

A UNIDADE ECONÓMICA E AS REPARAÇÕES

Ingleses e americanos falam muito em unidade económica. Mas, fazendo a unidade das suas zonas, contra o acordado em Potsdam, dificultam e visam impedir a unidade das zonas ocidentais com a parte oriental. Eles não querem uma unidade na base da REFORMA AGRÁRIA que privou os Junkers, animadores do nazismo, das suas posições e de medidas que libertem a economia alemã dos MONOPÓLIOS REACCIÓNÁRIOS. Isso foi feito na zona soviética e proposto pela URSS para o estabelecimento da unidade económica. Este problema está ligado ao das reparações. A Alemanha hitleriana usou, nos territórios que invadiu, prejuízos calculados em cerca de 128 bilhões de dólares. A

URSS pede apenas 10 bilhões. A Inglaterra e América opõem-se a esse pedido e a que seja pago em produção corrente (o que foi estabelecido em Potsdam) e eles já receberam em reparações valores muito superiores, entre os quais as patentes alemãs de valor incalculável.

O PROBLEMA DO RUHR

A importantíssima região industrial do Ruhr fica na zona britânica. Como, sem o desarmamento do Ruhr (onde continuam os cartéis), não pode haver desarmamento da Alemanha, o problema do Ruhr não pode ser considerado um problema de zona (como pretende a Inglaterra) mas de toda a Alemanha. A Inglaterra está abusando da sua posição no Ruhr, grande centro produtor de carvão, para fazer pressão política sobre a França, a Holanda e a Bélgica. O acordo anglo-franco-americano (21 de Abril) dá à França uma ração de fome, afasta-a da extração do carvão do Ruhr e continua entregando esta aos monopólios reacçãoários. A Alemanha não pode existir como estado independente sem o Ruhr. Daí a necessidade do controle inter-aliado das quatro potências sobre o Ruhr. Mas os reacçãoários procuram tornar o Ruhr o arsenal do «bloco ocidental» anti-soviético, separando o Ruhr do resto da Alemanha.

UMA ALEMANHA UNIDA OU FEDERAL?

A URSS defende a constituição duma Alemanha unida e democrática, com um poder central cujas decisões sejam obrigatórias para as administrações locais. Os anglo-americanos, e de certa forma a França, defendem a federalização. A constituição da Alemanha como uma federação de estados, não só facilitaria a separação do Ruhr e a transformação da Alemanha ocidental numa colónia do capital anglo-americano, como teria outras consequências prejudiciais. Equivaleria ao efectivo desmembramento da Alemanha e colocaria perigosamente nas mãos nazis e chauvinistas a bandeira da unidade alemã abrindo assim caminho para novos Bismarks ou novos Hitlers conquistarem a alma do povo alemão. Impor ao povo alemão o desmembramento da Alemanha terá como resultado novas tentativas de revanche. É assim fácil de compreender a razão por que aqueles que levaram Hitler ao poder (agitando a consigna da Grande Alemanha) sejam os mesmos que hoje defendem a federalização. A reacção não quer a unidade da Alemanha numa base democrática. A Grã Bretanha, os Estados Unidos e a França opõem-se às propostas soviéticas para a criação à escala nacional de organizações políticas e sindicais alemãs e ao estabelecimento do voto proporcional em toda a Alemanha. Esse seria um grande passo para a unidade democrática da Alemanha.

UMA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA PROVISÓRIA

Em Moscovo, chegou-se a acordo em princípio quanto ao estabelecimento dos departamentos centrais de administração previstos em Potsdam (indústrias, transportes, comunicações e comércio externo). Está-se também de acordo, em princípio, quanto à formação dum Conselho Consultivo. Mas, enquanto a URSS defende que neste estejam representantes, não só dos Laender (administrações locais autónomas), mas dos sindicatos (que atingem 7 milhões de membros), dos partidos, e de outras organizações democráticas como a Associação dos Camponeses (estabelecida na base da reforma agrária), a Federação Feminina e a dos Intelectuais, as outras potências pretendem que nele estejam apenas representantes dos Landtag (parlamentos das regiões), nos quais, em relação às zonas ocidentais, dada a inexistência do voto proporcional, os partidos mais progressivos não têm representação, alguma. Isto mostrou-se uma vez mais nas recentes eleições de Abril, na zona britânica, em que o PC, ainda que obtivesse um aumento substancial de votos, não viu aumentados proporcionalmente os lugares.

No dia 22 de Março, Molotov propôs UM PLANO PARA A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA PROVISÓRIA da Alemanha. Esse plano incluía medidas como: 1. Constituição imediata de departamentos administrativos centrais; 2. Preparação dum governo central com as tarefas de desmilitarização, desnazificação, democratização e restabelecimento da economia e capaz de assegurar o cumprimento das obrigações para com os aliados; 3. A Alemanha como um estado unitário e com um Parlamento de 2 câmaras; 4. Sufrágio universal, voto igual, directo e secreto e representação proporcional; 5. Tribunais Democráticos. Se um tal plano fosse aceite, assim como o da reconstrução económica na base da reforma agrária e libertação dos cartéis, o povo alemão teria diante de si um futuro risonho poderia consagrar-se à reconstrução da sua pátria e viria a ser no mundo, não o factor de desassossego e de novas agressões como pretende a reacção mundial, mas um factor de progresso e de paz.

Uma nova via Para atingir o Socialismo

NUMA série de países da Europa oriental, está-se levando a cabo uma completa reconstrução económica e política. As reformas agrárias, as nacionalizações, a concessão de amplas liberdades, o carácter amplamente democrático das eleições, o castigo dos fascistas que se revelaram, durante a guerra, como traidores aos seus povos, — são bases dessa reconstrução. Nalguns desses países, como a Polónia, a extensão das nacionalizações e da reforma agrária, o apoio e confiança do povo no governo, a possibilidade duma planificação geral da economia, o papel dirigente do partido do proletariado, a colaboração de grande parte da burguesia com o inimigo derrotado na guerra, a proximidade e a ajuda da URSS, tornam possível caminhar progressivamente para o socialismo. Mercê dum conjunto de condições particulares, provocadas pela guerra e pela luta de libertação nacional, tornou-se até agora possível nesses países o ataque aos privilégios capitalistas sem a necessidade da ditadura do proletariado. Estas experiências, que estão de acordo com os ensinamentos de Marx, Engels, Lênine e Stáline, são riquíssimas para os trabalhadores de todo o mundo. Mas há que ter em conta a evolução da situação internacional, a acção da burguesia reacçãoária e do imperialismo e as condições concretas em cada país. Aproveitando as experiências da URSS e das novas democracias, cada povo deve encontrar o seu próprio caminho para o Socialismo.

RÁDIO MOSCOVO
FALA EM PORTUGUÊS

todos os dias
às 23 horas
nas ondas de
25 e 31
metros

